



FATOS E RELATOS DA MAÇONARIA

*Alveriano de Santana Dias **

SUMÁRIO - Neste trabalho o autor procura mostrar as problemáticas que ocorrem desde a abordagem de um profano para conhecer os nossos Augustos Mistérios até a sua saída da Câmara de Reflexões. Relata algumas gafes e descasos cometidos dentro e fora do Templo, no que diz respeito a apresentação de um candidato até o convite oficialmente formulado a ele, e como se faz esse contato. Os relatos aqui escritos foram vivenciados pelo autor e por tantos outros irmãos que o ajudaram a construir essa obra. Essa peça de arquitetura não se encerra por aqui. Ela descreve algumas problemáticas com relação ao profano até a sua preparação para adentrar no Templo. A partir daí, os fatos e relatos serão descritos no próximo número.

Palavras Chaves: Apresentação Prévia, Abordagem, Convite, Juramento, Visão Holística, Constrangimento.

ABSTRACT - In this work the author tries to show the problems that occur from the approach of a profane to know our Mysteries until his exit from the Chamber of Reflections. It reports some gaffes and misfits committed inside and outside the Temple, regarding the presentation of a candidate until the invitation officially formulated to him, and how that contact is made. The accounts written here were experienced by the author and by many other brothers who helped him build this work. This piece of architecture does not end here. It describes some issues with the layman until his preparation to enter the Temple. From there, the facts and reports will be described in the next issue.

Key Words: Previous Presentation, Approach, Invitation, Oath, Holistic Vision, Embarrassment.

*O autor é Venerável Mestre da Loja Maçônica de Estudos e Pesquisas Renascença nº1 e Ex-Venerável Mestre da Loja Simbólica Pedro Tomaz de Medeiros Nº 7. É Membro da Academia Paraibana de Letras Maçônicas. Membro Nobre Shriner do Hikmat Paraíba Clube. É Médico Veterinário, Especialista em Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável com enfoque e aperfeiçoamento em Agroecologia.

INTRODUÇÃO

Esta obra de arquitetura surgiu diante de algumas angústias vivenciadas por vários irmãos e, principalmente, pelo autor. Em face da necessidade de compreender melhor os problemas existentes desde o primeiro contato com um profano até ele adentrar no Templo e, conseqüentemente, a sua trajetória até o grau de Mestre Maçom, é que sentimos o dever de construir este trabalho, inicialmente, procurando elucidar algumas problemáticas existentes durante todo o processo até o candidato estar prestes a ser iniciado. Os acontecimentos após o portal do Templo, iremos relatar no próximo número do O BUSCADOR.

Todos os fatos e relatos aqui encontrados não são fantasiosos, e muito menos invencionice do autor ou dos seus colaboradores na construção dessa obra. São casos vivenciados e relatados que tomamos conhecimento através do tempo.

UMA PEQUENA REFLEXÃO



Ao longo da história Maçônica há uma premissa que é peculiar a todos os Maçons: “ser livre e de bons costumes”, além de desbastar a P:: B:: do seu ser interior, tornando-se assim um homem virtuoso, humilde, tolerante e paciente, entre tantos outros atributos que se espera de um Maçom.

Com o passar do tempo muitos dos ensinamentos Maçônicos, foram sendo esquecidos ou deixados de lado para dar vez às vaidades pessoais, ou ao excesso de autoridade de uns em detrimento de outros. Por que isso acontece? Talvez porque estamos precisando resgatar o que praticamente deixamos de exercitar no que diz respeito ao VITRIOL.

Durante anos temos cometido erros e não os reparamos para que pudéssemos evoluir dentro da filosofia Maçônica. Impera muitas vezes a intolerância, a arrogância e conseqüentemente a desarmonia, principalmente, dentro de Loja.

Meus irmãos, temos que rever os nossos conceitos pessoais com relação a Maçonaria. O que chamamos de personalidade forte, quando nos referimos a alguns irmãos diante da sua intolerância, na verdade, são orgulhosos, ignorantes e arrogantes. Tudo isso serve como um escudo de defesa das suas fraquezas e vaidades pessoais, deixando-os cegos, e daí não sabem exercitar o aprendizado filosófico que a Ordem nos ensina.

Para abolir essa situação, exercitemos o que prega os ensinamentos filosóficos da nossa Instituição, sepultando de uma vez por todas as nossas diferenças, “vencendo as nossas paixões e fazendo novos progressos na Maçonaria, estreitando os laços de fraternidade que nos unem como verdadeiros irmãos”, ou então, “levantando templos a virtude e cavando masmorras ao vício”, para o bem comum da nossa Ordem.

Vamos baixar a nossa guarda das vaidades pessoais, para germinar no nosso interior a semente da humildade, da liberdade, da igualdade, da fraternidade, da solidariedade e da tolerância. Com essa transformação iremos fazer novos progressos dentro e fora das OOfic:: Só assim caminharemos no sentido de fazermos uma Maçonaria mais justa e perfeita diante dos irmãos e do mundo profano.

Com esses questionamentos e afirmativas é que sentimos a necessidade de construir essa obra de arquitetura, para que todos nós enquanto Maçons nos preocupemos com a nossa Sublime Ordem no que diz respeito a sua essência filosófica.

O que aqui se encontra são resultados de algumas palestras proferidas pelo autor, sobre assuntos que subsidiam o tema ora abordado; a sua vivência durante seus vinte e três anos de Maçonaria; relatos vivenciados por irmãos do nosso e de outros Orientes, como também, está expressa a sua visão no que realmente se propõe a nossa Instituição.

Diante do exposto, não se quer aqui persuadir ou formar opinião favorável ao que ora está escrito, mas questionar o nosso comportamento desde a abordagem de um profano até ele ser aceito para conhecer os nossos AAug:: MMist:: e, conseqüentemente, alcançar o grau de Mestre Maçom.

Esperamos atender a expectativa de todos os irmãos com relação ao tema abordado. Caso algo que aqui

está escrito atinja diretamente algum irmão, principalmente aqueles que têm convívio com o autor, queremos ressaltar que não foi essa a nossa intenção.

Quanto aos irmãos que não têm nenhum contato direto com o autor, o que aqui está sendo relatado, vejam como uma mera coincidência com os fatos que se assemelham com a sua vivência. Até mesmo porque em alguns exemplos aqui expressos, os irmãos que testemunharam ou fizeram parte do diálogo, já partiram para o Oriente Eterno. Que o G.:A.:D.:U.: os tenha em um bom lugar. Mas se algum fato seja do seu conhecimento, veja com bons olhos e procure entender essa obra como sendo um ponto de partida para nossa compreensão diante das problemáticas aqui relatadas. Façam uma boa leitura!

UM CONVITE



Quando há interesse de se convidar um profano para conhecer os nossos AAug.: MMist.:, muitas vezes, o Mestre interessado se

limita a olhá-lo de maneira simplória, ou seja: é um bom amigo, além de demonstrar interesse pela Ordem; é um curioso; gosta das mesmas coisas que eu (o Mestre); é receptível as brincadeiras, além de ser um bom companheiro de bar, ou então, é meu parente. Parece que para alguns irmãos, esses pré-requisitos puramente pessoais, são de grande valia para a nossa Instituição.

Devemos olhar o profano com um olhar mais apurado, indo além daquilo que nossos olhos conseguem ver. Pelo simples fato de ser um bom vizinho ou um bom amigo, isso não quer dizer que ele possa ser um Maçom na expressão da palavra, ou seja, um homem que dê exemplos dentro e fora do nosso Templo, principalmente no que diz respeito ao seu crescimento espiritual com os ensinamentos recebidos através da nossa Ordem.

Os gargalos são muitos, as dificuldades aparecem quando somos exigentes com relação aos profanos que têm interesse de pertencer a Maçonaria. Diante disso nós relaxamos um pouco e passamos a olhar todo o cidadão como um Maçom em potencial, aí é onde está o nosso erro. Não vamos encontrar nenhum profano completamente preparado, diante das exigências impostas

para qualquer cidadão interessado em ingressar na Ordem, isso é bem verdade. Mas também não vamos dar o aval a todo aquele que demonstra interesse por ela. A grande maioria não está preparada para entender o real significado dos nossos ensinamentos filosóficos e muito menos desbastar a P.: B.: que há em seu interior.

Em uma determinada ocasião um irmão nosso que tinha interesse de convidar um cidadão, disse em loja que devíamos convidar os profanos que tivessem dinheiro, por que eles podiam pagar todos os encargos financeiros da Ordem. Só que o profano em questão não tinha a menor condição de conhecer os nossos AAug.: MMist.:, por ser um homem de atitudes que iam de encontro com o que se procura fora do nosso Templo.

As opiniões a esse respeito são divergentes. Há aqueles que concordam que a situação financeira é o mais importante, outros não. Essas divergências que as vezes chegam ao absurdo quando se trata de se fazer um convite, entendemos como sendo uma falta de unidade diante dos preceitos Maçônicos, alguns dão a devida importância ao que se propõe a Ordem, outros, no entanto, não estão muito preocupados como isso. Acham que o importante é sempre iniciar, não importa quem seja.

A Maçonaria tem vencido todas as dificuldades impostas pelo tempo, porque em seu quadro de obreiros sempre teve homens de caráter refinado independentemente de situação financeira, grau de instrução, ideologias políticas ou religiosas. Caso passemos a pensar como muitos dos nossos irmãos, com relação à aquisição de profanos, o que restará da Ordem daqui a algumas décadas? Pensemos sobre isso e vamos mudar os nossos conceitos, para que os irmãos que nos sucederem deem continuidade aos nossos usos e costumes morais e filosóficos enquanto Maçons que presa a nossa Sublime Instituição, a Maçonaria!

Convite em Mesa de Bar e/ou em Outras Ocasões



Há alguns anos atrás, estávamos conversando com um dos Mestres com mais de trinta anos de Maçonaria, ele simplesmente nos disse que a mesa de um bar era onde mais se convidava um profano para conhecer

a nossa Ordem. Não concordando com ele, questionamos sobre o porquê desse comportamento. Ele então nos afirmou que muitos dos nossos irmãos, tinham sido convidados nesse tipo de ambiente.

Em particular, não é salutar proceder dessa maneira. Mas muitos dos nossos irmãos se empolgam depois de uma ou outra cerveja e falam demais, chegando ao ponto de prometer a um “amigo” que vai colocá-lo na Maçonaria. Acontece, também, que alguns Maçons de outro oriente, depois de tomar “todas” que têm direito, ficam induzindo um ou outro irmão diante de um amigo dizendo: “meu irmão olha ai um bom candidato, por que você não o apresenta”? Isso é o que se chama colocar uma saia justa com camisa de força no irmão diante do profano. Façamos aqui um questionamento: isso é correto? É salutar para a Maçonaria? Até certo ponto é constrangedor.

Devemos ter um olhar holístico mais aprofundado com relação aos profanos, quando desejamos lhes formular um convite para conhecer os nossos AAug.: MMist.:. Não nos detendo a uma mesa de bar; festa de aniversário; batizado; casamento; interesse puramente pessoal, ou pela curiosidade de quem quer que seja, para depois de uma ou outra cerveja prometer ao cidadão que ele vai ser Maçom.

É bem verdade que todo ser humano, até certo ponto, não deixa de ser curioso. No entanto que essa curiosidade não seja vista como um ponto positivo, ou uma virtude que se busca no mundo profano.

Devemos ir além, o profano tem que ser investigado com mais apuro no que diz respeito ao seu convívio familiar; no trabalho; no lazer ou em qualquer ambiente que se pratique a coletividade. Só assim teremos um espelho de quem realmente ele é, para depois demonstrarmos interesse em convidá-lo, sem no entanto, nos precipitarmos ao ponto de prometer que ele vai pertencer a Ordem. Até mesmo porque só devemos fazer o devido convite depois das prévias feitas, para se obter o aval dos irmãos sobre o nome proposto, nunca antes disso.

Estávamos conversando certa vez com um irmão, ele afirmou que um cidadão o aperreava tanto para ser Maçom, ao ponto de certo dia ele não aguentar mais diante de tanta pressão que o apresentou em Loja. Como ele não era muito conhecido, passou nas prévias sem muitas dificuldades. Nesse caso, houve um voto de confiança para o irmão proponente, e o profano foi aceito para conhecer os nossos AAug.: MMist.:. Como o

padrinho não procurou saber a fundo quem era o interessado, como também, a sindicância provavelmente tenha sido falha, qual foi o resultado? Não deu certo. Com pouco tempo, quando ele ainda era aprendiz demonstrou não ser digno de pertencer a Ordem. E quem o apresentou disse que a culpa era da Loja por tê-lo aceito. Na mesma hora o retrucamos e colocamos toda a culpa em seus ombros, dizendo que ele era o único culpado, não a Loja, até mesmo porque ninguém conhecia o profano, e sim ele. Depois disso fechou a cara e mudou de assunto.

Devemos ter muito cuidado quando tivermos interesse de que um amigo seja convidado para ser Maçom. Nem sempre ele tem as virtudes mínimas necessárias para sê-lo. Quando afirmamos isso para um Mestre, ele disse que todo e qualquer profano tem que ter a oportunidade de ser um dos nossos irmãos, afinal de contas na Maçonaria ele iria desbastar a P.: B.:, iria ser polido. Dentro dessa afirmativa, no olhar desse irmão não tinha necessidade de haver as prévias, até mesmo porque tudo seria irrelevante. Talvez a defesa fosse: ele pode mudar; ele não sabe o que é a Maçonaria, daí se comporta desse jeito, caso soubesse não seria assim. Ou então, quem o apresentou foi eu e me responsabilizo por ele.

Estávamos em uma reunião, quando foi apresentado o nome de um cidadão para ser apreciado. Quase ninguém o conhecia com exceção do irmão proponente e mais dois que moravam no oriente do proposto. Depois de um caloroso debate, os obreiros presentes à sessão deu sim, mesmo a loja estando dividida sobre a aquisição do profano. Então um irmão usando da palavra disse que não devíamos perder tempo, não era mais necessário colocar o nome proposto para as prévias seguintes, uma vez que ele era praticamente desconhecido de todos, e que a Loja devia dar o aval positivo em consideração ao irmão que o tinha apresentado. Até mesmo porque ele não o apresentaria caso não fosse digno de pertencer a Ordem.

Pergunta-se: é salutar comungar com os pensamentos, ora expostos, com relação à aquisição de profanos para conhecer os nossos AAug.: MMist.:? Será que devemos nos curvar diante dos caprichos de alguns em detrimento da Ordem? Ou a conduta de usar uma mesa de bar para abordar esse ou aquele cidadão que tem interesse de conhecer a nossa Instituição é um meio saudável?

O Maçom que se presa não pode comungar com esses pensamentos. Caso contrário vamos abolir as prévias

em Loja para saber do aval dos irmãos, diante da justificativa de que todo profano pode ser um dos nossos. Então para que apresentar? Basta informar que esse ou aquele quer ser Maçom e pronto. Ou então, quem apresentou foi o irmão “fulano” por isso não vamos questionar para não haver constrangimento. A Maçonaria não é reformatório meus irmãos, ela é uma instituição de homens livres e de bons costumes. Portanto o profano precisa possuir algumas virtudes preliminares para, então, ser indicado a ingressar na Ordem.

CASOS INUSITADOS



Um irmão de um determinado Oriente nos relatou um caso curioso e muito complicado diante da problemática que surgiu na Loja em que ele era um membro ativo.

Numa sessão de Mestre foi indicado o nome de um profano da cidade. Cidadão este de boa família, ocupando cargo de destaque na sociedade e muito bem relacionado entre os Maçons e com a população da cidade onde morava, até porque ele tinha nascido e se criado no Oriente onde estava sendo apresentado.

Naquela época (nos idos de 1980) não existia oficialmente as prévias sobre o candidato. Após ser lançado o nome desse profano, a palavra passou as colunas. Todos os irmãos ficaram estáticos, pois apesar dele ser bastante respeitado e respeitável, não tinha os requisitos morais necessários para ingressar na Ordem, pois o mesmo era homossexual. E olhe que esse cidadão tinha sido apresentado por uma das mais eminentes autoridades Maçônica local. Estavam presentes, também, vários parentes dele na sessão.

Corajosamente um irmão se pronunciou a respeito do problema, sendo seguido por outros de forma sincera e muito respeitosa. Quem apresentou o candidato, com muita ética, falou que não sabia desse desvio de conduta do rapaz e prontamente retirou o nome do mesmo. Depois pediu desculpas a todos e agradeceu pela coragem dos obreiros em esclarecer contundentemente o fato, demonstrando, assim, qualidades Maçônicas extraordinárias. Depois disso nunca mais se falou no caso.

O interessante é que nenhum parente do candidato e nem o provável padrinho teve qualquer mudança de comportamento, em relação ao ocorrido e a decisão tomada pelos irmãos na Sessão.

Concluimos que obreiros desse nível e com essa consciência, faz com que a Maçonaria seja valorizada e cumpra o seu papel importante na sociedade.

Outro caso inusitado que passamos a relatar aconteceu nos idos do ano de 2013. Após a realização de uma reunião aberta em uma das Lojas Jurisdicionada à Grande Loja, o Venerável chamou, em particular, um dos irmãos presentes e disse que foi procurado por dois rapazes que demonstraram o desejo de ingressar na Ordem.

Solicitou do nosso irmão que fizesse uma sondagem e, se fosse o caso, apresentasse em Loja para ver a possibilidade dos mesmos estarem aptos de realizarem seus sonhos de ingressarem na Maçonaria.

No S: de BBanq:., o irmão indicado para fazer a abordagem dos rapazes, aproximou-se deles e percebeu que os dois eram muito próximos um do outro, e não pareciam serem amigos e muito menos conhecidos de algum convidado ali presente.

De forma amigável, o nosso irmão se aproximou dos dois rapazes, na conversa ficou sabendo que eles eram universitários, um cursava medicina e o outro engenharia civil; que eram sócios num restaurante que estavam implantando na cidade; que ambos eram de outro Oriente, sendo um filho e o outro sobrinho de Maçom. Na oportunidade, passaram os nomes dos seus parentes Maçons e as Lojas que participavam. Feita essa abordagem, o irmão entregou para eles o seu contato e falou que iria visitá-los em suas residências em breve.

Passados alguns dias, o nosso irmão recebeu um e-mail de um dos rapazes passando o seu endereço e cobrando a sua visita. Foi dada a resposta ao interessado, como também foi solicitado o endereço do outro rapaz. O profano respondeu que ambos residiam na mesma casa. Nesse ínterim, o nosso irmão sindicante pesquisou sobre as Lojas informadas por eles e verificou que realmente elas existiam.

Depois de algum tempo, o irmão foi até a residência dos profanos e percebeu um alto padrão econômico, com a casa bem localizada em bairro valorizado. Na frente da mesma funcionava um bar

bastante refinado e movimentado. Sendo convidado para entrar, os anfitriões demonstraram uma extrema educação. Quando ele entrou na sala, verificou de imediato algumas fotos dos dois juntos em quadros e porta-retratos, sem nenhuma presença feminina, o que foi questionado do por que dessa ausência. De imediato um deles respondeu que eles não tinham namoradas.

Desde o momento em que o irmão foi convidado para entrar naquela residência, suspeitou de se tratar de um “casal” homoafetivo, mas teve todo o respeito e não indagou nada sobre o assunto. Falou apenas sobre os valores tradicionais e familiares da Maçonaria, que muitas práticas aceitas na sociedade não se verificavam na Ordem, etc.

Finalizando a conversa, explicou aos dois todos os passos para um candidato ser aceito: que era necessário passar por avaliações prévias dos irmãos; sindicâncias; editais de reconhecimento, e, por fim, passar por uma votação em assembleia. Caso fossem aprovados em todas as instâncias é que seriam convidados para iniciar na Ordem. Deixou bem claro, também, que era um processo longo e difícil para qualquer pessoa que desejasse ser Maçom.

No mesmo dia o irmão recebeu um e-mail de um dos rapazes em que ele perguntava se tinha notado que eles eram um “casal” e se a Maçonaria aceita a participação de homossexuais. A resposta dada a primeira indagação foi que sim, já a segunda deixou o irmão sindicante de saia justa, pois dependendo da sua resposta poderia comprometer a Ordem de ser tachada de homofóbica.

Segue na íntegra o texto do e-mail, resguardando nomes e referências pessoais.

“[...] tem um ponto que gostaria de esclarecer e não o fiz quando veio aqui. Gostaria de saber qual a posição adotada pela maçonaria perante a homossexualidade. Fiquei na dúvida e gostaria que me esclarecesse antes de dar continuidade ao processo, uma vez que tenho um relacionamento sério e respeitoso com o [...] tal qual qualquer casal heterossexual.

Como você mesmo pôde notar levamos uma vida a dois e dividimos

um lar; estamos até abrindo um estabelecimento:[...] aqui em [...]. Por esse motivo, gostaria que me esclarecesse acerca disso antes de termos os nossos nomes divulgados nas lojas e futuramente gerar algum tipo de constrangimento para nós, o que não estamos dispostos a passar. Desde já agradeço a atenção e aguardo contato.”

O irmão respondeu o e-mail tentando resguardar a Ordem juridicamente, sem ferir a dignidade e a opção sexual dos rapazes.

Segue resposta resguardando os nomes e referências pessoais.

[...] institucionalmente não há nenhuma proibição. Mas não vou mentir para você, é impossível a proposta prosperar, a Maçonaria ainda é predominantemente composta de pessoas muito tradicionalistas. Como a votação é secreta e não precisa de justificativa, todos que tenham qualquer tipo de preconceito votarão contra.

A Maçonaria é para pessoa do sexo masculino, enquanto gênero, não se confundindo com opção sexual, mas infelizmente a maioria dos maçons não entende assim. Não é algo específico da maçonaria, mas da sociedade que vivemos.

Peço que você não se decepcione com a Ordem Maçônica, nem comigo especificamente, se te respondo por e-mail é porque foi este meio escolhido por você. Quando fui à casa de vocês eu percebi a relação existente, mas teria que esperar de vocês uma posição.

Acredito muito na boa intenção de vocês, e existem outras instituições onde pessoa de bem como vocês podem fazer o bem, inclusive faço parte do Lions, e posso expor para vocês.

Vi e constatei que você e [...] são boas pessoas, e com certeza serão muito úteis para a sociedade.

Mantenham contato e poderemos conversar mais.

Que o Grande Arquiteto do Universo os abençoe e guarde.

Este caso marcou muito o irmão que fez essa sindicância, pois é algo que poderá acontecer, por que cada vez mais há homossexuais querendo iniciar na Ordem.

Devemos tomar todo cuidado ao tratar desse assunto em questão. A constituição brasileira recrimina a exclusão dos homossexuais do meio da sociedade. É contra a lei e isso requer processo jurídico de discriminação ou intolerância às práticas homoafetivas, sendo taxadas de homofóbicas. Temos que ter toda a atenção, assim como o irmão teve ao tratar aqueles profanos. Caso tenhamos daqui para frente algo semelhante, vamos ser educados, respeitosos e pacientes, para evitar quaisquer consequências futuras diante da justiça comum.

OUTRAS PROBLEMÁTICAS



Normalmente há mais de um candidato para se fazer a sindicância. Uma vez aprovado diante de uma assembleia, no grau de Mestre Maçom, os nomes dos profanos vão seguir o seu curso para conhecimento das outras Lojas, através do Edital da Grande Loja.

Durante esse tempo em que os processos dos profanos estão chegando às lojas jurisdicionadas à nossa Potência, muitos irmãos tomam a liberdade de vazar para os candidatos quem vai iniciar com ele na Ordem. Isso não devia acontecer, mas geralmente acontece.

Em uma determinada Loja de nossa Potência, vazou para um profano que ele e mais três iriam iniciar na Maçonaria, inclusive sabia, também, dos nomes dos outros candidatos. O que aconteceu? Houve uma

comunicação entre eles, e quando três deles receberam o aviso da data da iniciação, socializaram entre si e o quarto candidato disse que ainda não tinha recebido o convite. Mesmo assim se comportou como se ele, também, fosse iniciar. Comprou tudo o que tinha direito e ficou no aguardo do comunicado. Acontece que em uma assembleia de Mestre ele foi rejeitado, pela sua conduta no mundo profano, daí foi considerado indigno de ingressar na Ordem.

Chegou o dia da iniciação. Quando esse candidato rejeitado soube que os outros iriam iniciar, ficou raivoso e começou a soltar veneno contra a Ordem. Por que esse inconveniente aconteceu? Provavelmente pelo despreparo de um Mestre Maçom, por vazar sobre o que se passou dentro de Loja. Isso é muito mais grave quando envolve um aprendiz e/ou um companheiro.

Imaginem agora a cara de tacho de quem informou ao profano em questão, quando foi indagado do por que dele não ter sido iniciado. Qual foi a justificativa que o irmão encontrou? Sinceramente não sabemos. Isso não aconteceria caso não tivesse vazado o que se passou em Loja. Vale salientar que juramos guardar com o mais absoluto silêncio sobre tudo o que se passa numa sessão em qualquer grau.

Outro caso muito interessante que ocorreu em uma determinada Loja, causando sério constrangimento, foi quando o Venerável Mestre prometeu a um Juiz de Direito da Comarca de que ele iria ser Maçom. O problema era que esse magistrado não tinha três meses de residência fixa no município. Depois de várias falas, o Primeiro Malhete ficou relutante e não aceitou o argumento básico de que ainda era muito cedo para formular o convite, uma vez que esse cidadão não tinha tempo o suficiente de moradia na cidade, onde funciona até hoje a Loja, para ser avaliado melhor. Com essa argumentação, a maioria dos obreiros aconselhou o Venerável que esperasse mais um pouco até que ele completasse seis meses de residência efetiva no Oriente. Retrucando ele falou que isso era irrelevante, já que o seu apadrinhado era um Juiz de Direito.

Como foi uma promessa e havia na Loja obreiros que trabalhavam no fórum, mesmo diante das argumentações contrárias ao ingresso do Juiz naquele momento, o Venerável não levou em consideração os fatos apresentados e fez chegar nas mãos desse cidadão, através de um obreiro que era oficial de justiça, os formulários para ser respondido.

Respondido tudo dentro dos conformes, com documentação anexada ao processo, inclusive retratos (lembramos que na época não tinha internet). Em uma sessão de Mestre, em última instância, o Juiz foi rejeitado. O Venerável ficou sem saber o que fazer e muito menos o que dizer ao Magistrado. O Primeiro Malhete não podia fazer nada diante do que estava acontecendo, ele teve que acatar a decisão da Loja. Que constrangimento!

Isso poderia ter sido evitado se o Venerável tivesse acatado, logo no primeiro momento, as argumentações apresentadas. Se fosse usado a sensatez e a tolerância Maçônica em detrimento da vaidade pessoal, com certeza o Juiz, hoje, seria um dos nossos irmãos. Mas a arrogância e a falta de humildade, levou o Primeiro Malhete a esse vexame. Foi uma lição para todos os obreiros da Loja.

Meus irmãos, sejamos sensatos, não nos deixemos levar pelas nossas vaidades pessoais e achar que, dentro de Loja, podemos tudo por ser um Venerável, um dos Vigilantes, ou por ocupar qualquer cargo em Loja, ou por ser o Maçom mais antigo para fazer prevalecer a nossa vontade. Só assim, evitaremos certos constrangimentos.

Essas problemáticas citadas acima deveriam ser evitadas, se todos nós entendêssemos o que é realmente, e a que se propõe a Maçonaria se a colocássemos em prática. Só assim evitaríamos esses contra tempos e procuraríamos fazer com que as coisas caminhassem sem a interferência da vaidade pessoal, de querer medir forças com uma assembleia soberana em suas decisões. Por outro lado, todos os irmãos devem entender que, uma vez o profano sendo aprovado nas prévias, isso não quer dizer que ele vai ser Maçom. Tudo pode acontecer no transcurso do edital que a Grande Loja faz chegar as Lojas jurisdicionadas, ou até mesmo, com a sua conduta durante todo o processo investigatório. Diante disso devemos ter o máximo cuidado para não fazer chegar até os candidatos, qualquer informação que ainda não lhes é cabível saber.

Suponhamos que tudo transcorreu normalmente com os candidatos para a iniciação. Foi aprovado e dado o aval pelas Lojas jurisdicionadas que estão aptos para conhecerem os nossos AAUG.: MMist.:. No entanto, não devemos, diante disso, pensar que os profanos, com certeza, vão ser maçons.

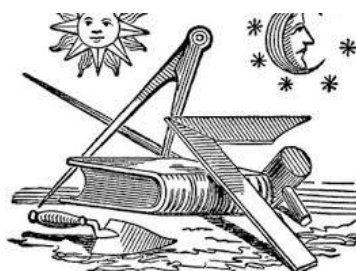
Acontece também que antes da iniciação, alguns irmãos falam para as suas samaritanas quem vai iniciar, porém, isso pode acontecer ou não. O processo para esse

fim é constante e o profano pode ser rejeitado até horas antes dele adentrar no Templo. Basta se exceder com condutas inconiventes para a Ordem no mundo profano que tudo estará perdido.

Em uma determinada ocasião, um irmão nosso falou que no dia da iniciação de um profano, o candidato se excedeu num bar tomando todas que tinha direito. À tardinha, tomado pelo álcool e pela alegria, ele deu um murro na mesa do recinto e disse gritando: “hoje vou ser maçom por..!”. Devido ao ocorrido, foi convocado uma reunião extraordinária, e ele foi rejeitado horas antes da sua iniciação.

Já aconteceu, também, do candidato não comparecer a iniciação por vários motivos. O mais comum é quando alguém da família ou algum amigo dele despeitado com a ordem, deu algumas informações negativas dizendo que a Maçonaria é do “demo”, que é seita religiosa, que o iniciado derrama o seu sangue na imagem de Jesus e etc. O medo chega até ao seu coração e a sua mente, daí vem à rejeição sem nenhum questionamento, e não procuram saber se a Maçonaria é realmente o que dizem. Caso tivesse sido feita uma boa sindicância e dada as devidas orientações do que realmente é a nossa Ordem e a que ela se propõe, provavelmente, isso não aconteceria.

UM NOVO OLHAR



Fazendo uma reflexão ao que até aqui foi abordado, entendemos que a nossa Ordem precisa regimentar homens virtuosos que deem continuidade a tudo

que até então foi construído. Procurar conhecer os nossos AAUG.: MMist.:, pesquisar e entender a Instituição, principalmente, através dos ensinamentos das instruções de cada grau, como também, a sua história. Só assim a Maçonaria se perpetuará enquanto existir Maçons com essas características.

Diante do exposto, então, perguntamos: o profano é indagado, caso seja aceito, sobre o que ele pensa encontrar, ou o que se espera da Maçonaria? É informado que a nossa Instituição é puramente Filosófica? Que ele tem que estudar para poder crescer em nossa Ordem?

Diante desses questionamentos, nenhum mestre deve se ancorar no simples fato do pretendente ser um “amigo” ou “uma boa pessoa”. Talvez, isso não seja o bastante para fazer dele um bom Maçom.

O Mestre Maçom deve ter o conhecimento de que para convidar um “profano” para o seio maçônico, se faz necessário que ele seja um homem disposto a desbastar a pedra bruta que existe em seu interior. Porque não dizer: renascer de novo, ser um novo homem. Ele tem que exercitar a humildade e o dom de escutar para poder compreender todos os ensinamentos filosóficos da Ordem. Também isso não é tudo, ele tem que se deixar levar pela arte de pensar, de distinguir o que é certo e errado; o que é conhecer e saber; estar disposto a deixar para trás as vaidades pessoais, a ambição, a cobiça, livrando-se da ignorância, que ainda é peculiar em seu interior, para, então, deixar desabrochar em si o homem filósofo, pensador, vencendo suas paixões, submetendo suas vontades. É um renascer interior, que é a natureza do Maçom. (Alveriano Dias, Renascença Cultural, ANO I - Edição nº 004 - Fevereiro de 2012).

Deixemos de lado essas indagações e vamos fazer outras abordagens com relação ao profano, para o nosso amadurecimento no que diz respeito na condução da sua iniciação.

Depois de aprovado nas prévias, o Venerável Mestre dá o aval para que se faça a sindicância. Concluído esse trabalho com os devidos cuidados no sentido de não cometer erros absurdos, que muitas vezes estão diante de nossos olhos, é que o profano se torna candidato para ingressar na Ordem, com a aprovação dos irmãos diante das respostas apresentadas.

RECEPÇÃO DOS PROFANOS



É chegada a hora tão sonhada pelos candidatos. Cada padrinho vai buscar o seu apadrinhado e o conduz até a Loja.

Ao chegarem deve-se evitar que eles fiquem juntos com os Maçons tomando cafezinho, lanchando, participando da conversa e etc. Até mesmo para evitar algum gracejo ou alguma brincadeira de mau gosto de algum irmão que possa desestimulá-los.

Chegando à Loja, coloca-se os candidatos em uma sala, sem se comunicarem, aguardando a hora de levá-los à C.: de RRefl.:. É bom evitar que os obreiros fiquem conversando em voz alta, para que os profanos fiquem em completo silêncio interior, sem a menor perturbação do mundo exterior.

Depois de algumas horas de silêncio e meditação dos profanos, o irmão Exp.: conduz um de cada vez até a C.: de RRefl.:, sem nenhum gracejo ou dificuldades durante o trajeto.

Uma vez na C.: de RRefl.:, o Exp.: dá as devidas orientações com relação ao ambiente em que o profano vai se deparar e vai permanecer naquele recinto por alguns minutos. Quando ele estiver pronto para sair, toque na campainha para que quem o conduziu até ali entenda que já terminou a sua meditação.

Em uma determinada oportunidade, fazíamos parte de uma comitiva da nossa Loja Mãe, para prestigiar uma iniciação em outro Oriente. Eram dois candidatos, um deles tinha origem religiosa protestante, mas tinha se afastado a algum tempo da sua igreja de origem. Pensando ele que estava livre da doutrina religiosa, aceitou o convite para iniciar na Maçonaria.

Assim que os candidatos chegaram foram recebidos cordialmente. Como é de costume, foram levados para uma sala onde eles ficariam isolados dos irmãos que iam chegando para a Sessão Magna de Iniciação.

Todo o protocolo foi seguido com muito zelo. Os profanos foram conduzidos pelos EExp.:, fazendo com que eles ficassem desorientados, para não terem noção do espaço em que estavam na Loja e muito menos para onde seriam levados. Assim caminharam por algum tempo pela S.: dos PP.: PPerd.:, mas sempre acompanhados e guiados respeitosamente pelos irmãos que os conduziam.

Chegada a hora foram levados isoladamente até a C.: de RRefl.:, lá foi orientado a observar o ambiente, que respondesse o questionário que estava em cima da mesa e tocasse a campainha assim que terminasse.

Depois de algum tempo o candidato tocou a campanha de forma desordenada, dando a impressão ao Exp.: de que ele estava nervoso. Quando o nosso irmão entrou no recinto, o rapaz estava com a cabeça sobre os dois braços apoiados sobre a mesa. O seu nervosismo era tanto que ele pediu para se retirar dali o mais depressa possível. O irmão percebeu que ele estava suando e estava um pouco trêmulo de tanto nervosismo.

Questionado do por que daquele comportamento, o candidato respondeu que nunca tinha passado por uma situação de humilhação como a que estava passando até aquele momento, e que não tinha mais interesse em continuar.

O nosso irmão pediu para que ele esperasse por mais alguns instantes, foi até a porta do Templo e solicitou a sua entrada que foi concedida sem nenhuma ressalva. Em seguida relatou o que estava acontecendo ao Venerável e a todos os irmãos presentes. Como não tinha muito o que fazer, foi dado à permissão para que o rapaz se retirasse.

Durante a sua retirada o profano jurou que não revelaria nada do que viu até aquele momento. Seguiram até o S.: de BBanq., onde estava os convidados, inclusive, a esposa do mesmo. Todos ficaram surpresos com um ar de interrogação em seus semblantes. O irmão que o acompanhava justificou dizendo que o candidato tinha passado mal e que ele retornaria em outra oportunidade. O rapaz foi até a sua cômputo pegou-a pela mão e se retirou sem olhar para trás, nem sequer se despediu de nenhum dos presentes naquele salão. Até a presente data nunca mais tivemos notícia dele.

O que deve ter acontecido com aquele profano quando esteve na C.: de RRefl.? Não se sabe ao certo, mas supomos que a sua alienação religiosa o tenha deixado com medo de tudo o que ele estava vivenciando, principalmente com o que ele tinha visto durante a sua meditação.

Chegamos à conclusão de que caso um candidato tenha fortes raízes religiosas alienadoras, dificilmente ele vai conseguir entender e superar o que esteja vendo durante o pouco espaço de tempo, em que estiver isolado para meditar melhor sobre os motivos que o levaram até ali, e decidir se quer continuar ou não conhecer os nossos Augustos Mistérios.

As questões religiosas que provocam medo e superstição não condizem com a conduta do maçom, nem

tão pouco nenhum profano estará preparado enquanto ele não se libertar dessa alienação exacerbada, que o impede de ser um homem livre dos dogmas, e das superstições que o escravizam diante dos conceitos religiosos.

No interior da C.: de RRefl.: tudo é novidade para o candidato, pode ser até que fique um pouco receoso diante do que ele vai visualizar. Antes que isso aconteça o Exp.: deve alertá-lo para não ter medo, e que tudo o que está ali ele só vai entender quando adentrar no Templo.

É na C.: de RRefl.: onde começa a compreensão do desbaste da P.: B.:. Lá se encontram significados que até então é desconhecido para o profano. Nas paredes estão frases que chamam a sua atenção, principalmente, com relação a sua curiosidade.

Lá ele vai encontrar, também, símbolos que são incompreensíveis para todo aquele que adentra naquele recinto pela primeira vez. No entanto com as instruções, vai perceber que é de fundamental importância o que ali se encontra as vistas de todos os candidatos.

Caso ele esteja ali por pura curiosidade, seria bom que o candidato fosse honesto consigo mesmo e com a Instituição, e pedisse para se retirar. Mas se ele está determinado a seguir em frente, então sente e comece a responder o questionário que lhe foi apresentado.

Diante desse exemplo, vemos que tudo é relativo. Tudo pode acontecer para que o profano seja ou não Maçom. A experiência nos diz que não devemos nos precipitar quando se tratar da admissão ou não de quem quer que seja.

Caso o profano depois de tudo vivenciado na C.: de RRefl.: queira dar continuidade a sua iniciação, ele é retirado do ambiente em que se encontra, é colocado numa cadeira esperando o momento de adentrar ao Templo.

Chegada a hora o Exp.: o conduz e toma a iniciativa batendo na porta do Templo (*****).. (continua no próximo número).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conteúdo dessa obra de arquitetura vai desde o primeiro contato com o profano, passando por todo o processo de sindicância até o momento em que o candidato está preste a adentrar no Templo.

A nossa intenção foi de escrever passo a passo as nossas experiências e de alguns irmãos, que contribuíram com os seus relatos, para a construção dessa obra, com relação a algumas problemáticas vivenciadas, e que devem ser socializadas para todos os Obreiros que tenham acesso a esse trabalho. Sendo que nesse primeiro momento, paramos quando o profano sai da C. de RRefl. Os fatos e relatos daí em diante, vamos publicar no próximo número do O BUSCADOR, se assim o G. A. D. U. nos permitir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Alveriano de S. *A Maçonaria Simbólica e a Filosofia*. O Buscador – Revista de Ciência Maçônica, Ano II – Nº2 – Dez/2009.

DIAS, Alveriano de S. *Renascença Cultural*, ANO I - Edição nº 004 - Fevereiro de 2012.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DA PARAÍBA. *Vademecum Maçônico*. GLOME-PB. Editora Universitária, João Pessoa, 1991.

GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DA PARAÍBA. *Ritual de Aprendiz*. GLOMEPB. João Pessoa, 2012

CASTELLANI, José. *Cadernos de Estudos Maçônicos – Consultoria Maçônica*. Vol. 02 – Editora Maçônica – A Trolha.